

**Carlos  
Alberto  
Cupeto**



Professor da  
Universidade de Évora  
Membro do Conselho  
Coordenador da  
SEDES de Évora

Mesmo que muitos não queiram (...), Portugal tem condições ímpares para fomentar o usufruto dos seus recursos geológicos de uma forma ambientalmente correta e economicamente viável

# Os incontornáveis recursos geológicos

**P**or este tempo, Portugal é fértil em equívocos e mentiras, e a prospeção e exploração dos recursos geológicos integram esse pacote. Os recursos geológicos, essenciais à vida, são limitados; por cá, comportamo-nos como se fosse possível ignorá-lo. Mesmo que alguns não queiram, os incontornáveis recursos geológicos são um tema essencial à viabilidade de qualquer país. A história da Humanidade confunde-se com o acesso a – e usufruto de – matérias-primas minerais, e assim continuará a ser, qualquer que seja o modelo de desenvolvimento considerado. A transição energética, a digitalização, algum tipo de sustentabilidade futura que não a que supostamente vivemos, etc., só são possíveis com uma crescente *metal-intensive economy*. Negar a necessidade de exploração de recursos geológicos para a transição ecológica é rejeitar a Humanidade na Terra. Lamentavelmente, o País em geral deixa-se conduzir por fazedores de opinião que vivem da oportunidade da desinformação e ignorância; os negacionistas não estão presentes só no desafio climático. Qualquer um pega numa caneta e escreve sobre qualquer coisa, da saúde ao ambiente, com a autoridade e o palco de um especialista. A partir daqui, o resultado está à vista; decisões inevitáveis são contornadas e adiadas. Para nosso bem, mesmo que não queiramos, está em curso uma transição ecológica que não vamos poder ignorar. Os recentes acontecimentos climáticos antecipam o futuro anunciado para o presente e exigem consistentes ferramentas políticas e sociais que possibilitem uma vivência de bem-estar com os recursos e a segurança necessários em prol de um bem comum assente em propósitos públicos e privados. É bom que o saibamos e que tomemos em mãos o nosso próprio destino, pois o atual contexto de incerteza ainda mais nos exige que assim seja. Como sabemos, a distribuição de recursos geológicos obedece apenas à contingência geológica que afortunadamente, em Portugal, corresponde essencialmente ao Interior, muitas vezes em geografias que nada mais têm que possibilite riqueza, bem-

–estar social e económico. Os recursos geológicos estão onde estão, são naturais e as mais das vezes únicos como a mais relevante das florestas. A valorização e conservação da Natureza só é possível se houver disponibilidade financeira para a fazer e ocupação do território. É essencial que os planos e políticas de ordenamento do território considerem os recursos geológicos no terreno, muito para além do papel, salvaguardando o acesso futuro aos mesmos e minorando o risco de eventuais conflitos entre a sua valorização e aproveitamento e outras atividades económicas, para além do crescimento urbano. A rigorosa inclusão dos recursos minerais nos programas de ordenamento do território, em especial nos planos municipais, baseada na atualização permanente do conhecimento geológico, diminuirá seguramente o número dos negacionistas. A imagem de passivos ambientais, às vezes com centenas de anos, não pode condicionar a realidade de hoje, e a opinião ignorante de aprendizes de ecologia não pode questionar a viabilidade do País e limitar o seu desenvolvimento sustentado. Mesmo que muitos não queiram, designadamente militantes ecologistas, franjas significativas da opinião pública, políticos oportunistas e, até, do meio académico, Portugal tem condições ímpares para fomentar o usufruto dos seus recursos geológicos de uma forma ambientalmente correta e economicamente viável, com benefício para a sociedade. Será muito difícil justificar às gerações vindouras se tal não acontecer. É incontornável, todos os caminhos orientados para uma economia ecoeficiente e de baixa intensidade carbónica concorrem para aumentar a dependência de um largo número de metais cuja procura global não poderá ser totalmente satisfeita com base em fontes secundárias; isto é, o consumo crescerá a um ritmo muito superior ao do abastecimento proporcionado pela reutilização, reciclagem e/ou substituição. O futuro do País exige uma mensagem de esperança, que deve prevalecer na maioria moral e política da equação da suficiência energética e alimentar onde os recursos geológicos são essenciais. Tudo isto é hoje, porque amanhã é tarde. ■ [visao@visao.pt](mailto:visao@visao.pt)